



**Ponto Urbe**

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

**5 | 2009**

**Ponto Urbe 5**

---

## Ayahuasca, dependência química e alcoolismo

**Marcelo S. Mercante**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1345>

DOI: 10.4000/pontourbe.1345

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Marcelo S. Mercante, « Ayahuasca, dependência química e alcoolismo », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1345> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1345

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

---

# Ayahuasca, dependência química e alcoolismo

Marcelo S. Mercante

---

## Introdução

A bebida psicoativa conhecida, entre vários nomes, como ayahuasca, vem sendo consumida por povos indígenas em toda região amazônica por mais de 4000 anos (Naranjo, 1986). Os princípios ativos mais importantes nesta bebida são as beta-carbolinas, oriundas do cipó *Banisteriopsis caapi*, e a dimetiltriptamina (DMT), oriunda das folhas de *Psychotria viridis* (Winkelman, 1996). Ambas as substâncias atuam sobre o nível de serotonina no cérebro (Mercante, 2006b).

- 1 A partir da década de 1930 a ayahuasca passou a ser utilizada como sacramento principal de três sistemas religiosos brasileiros, a Barquinha, o Santo Daime, e a União do Vegetal (ver Labate & Araújo, 2002). Labate (2004) aponta que a ayahuasca também vem sendo utilizada de diversas outras formas, dentre as quais, terapeuticamente.
- 2 O uso ritual da ayahuasca teria como resultado uma psicointegração do sistema nervoso (Winkelman, 2000). Uma das características mais marcantes do efeito do uso desta bebida dentro de um contexto ritual/ritualizado (considerando aqui que mesmo quando utilizada terapeuticamente, este uso mantém uma certa ritualização – ver Labate, 2004) é a presença de “visões” ou imagens mentais espontâneas, mais comumente chamadas de mirações (ver Mercante, 2002, 2004, 2006a, 2006b, 2006c e Shanon, 2002).
- 3 Acompanhei durante o ano de 2007 o grupo Ablusa (Associação Beneficente Luz de Salomão), liderada pelo psiquiatra Wilson Gonzaga. Desde 1999 este grupo vem utilizando a ayahuasca (denominada por eles “Vegetal”, pois este grupo é uma dissidência da União do Vegetal) em rituais especificamente voltados para moradores de rua na cidade de São

Paulo, visando assim auxiliar na melhora da qualidade de vida destas pessoas (Labate, 2004). Busquei analisar as relações entre as “mirações” experienciadas por participantes dos rituais com ayahuasca promovidos pela Ablusa que se identificaram como tendo problemas no uso de álcool e/ou outras substâncias e possíveis modificações nos hábitos no consumo de álcool e/ou outras substâncias.

- 4 Estamos presenciando a abertura de uma nova via de tratamento de alcoolismo e dependência química. Vários fatores influenciam tanto no surgimento do dependente químico e do alcoólatra quanto na recuperação dos mesmos. A proposta de um tratamento como este, seguindo as idéias que norteiam o trabalho da Ablusa, é “cuidar do ser humano como um todo, de forma holística”, não se tratando apenas o alcoolismo ou a dependência química, mas buscando “no mais profundo do ser as causas do surgimento destes processos”. Ou seja, mais do que cuidar de um problema específico, o trabalho da Ablusa visa transformar a vida de seus “assistidos” como um todo. Existem, mais uma vez até onde tenho conhecimento, centros que utilizam psicoativos como base de tratamento no Peru (Takiwasi), na Argentina (Ayllu Tinkuy) e no Brasil (ver Adendo).
- 5 Um fator importante, que deve ser levado em consideração, é que esta instituição está utilizando a ayahuasca ritualisticamente como ferramenta terapêutica no tratamento de dependência química e alcoolismo, estando então vivendo uma situação legal ambígua. Tal situação é um fator limitante para o crescimento, expansão, e até de melhoria na qualidade dos serviços oferecidos.
- 6 A ayahuasca foi em 2006 legalizada para o uso religioso (GMT, 2006). Este grupo multidisciplinar de trabalho nomeado pelo Conad desvincula a prática de cura e terapêutica dos efeitos do chá, baseando eventuais curas em “fenômenos da fé”: “Com fundamento nos relatos dos representantes das entidades usuárias, verificou-se que as curas e soluções de problemas pessoais devem ser compreendidas no mesmo contexto religioso das demais religiões: enquanto atos de fé, sem relação necessária de causa e efeito entre uso da Ayahuasca e cura ou soluções de problemas” (GMT, 2006, p. 10). Assim, o GMT finalizou seus trabalhos com a liberação legal do uso da ayahuasca para uso religioso apenas, e recomendou que o uso terapêutico do chá ficasse em suspenso até que experimentações humanas possam ser realizadas para avaliar a segurança de tal prática (GMT, 2006).

## Uma breve revisão sobre o uso de psicoativos no tratamento de dependência e alcoolismo

- 7 Deve-se notar que a literatura sobre o uso de psicoativos de uma forma geral para o tratamento de dependência química e alcoolismo vem aumentando consideravelmente. Mas este não é um processo novo. Os editores da extinta *Psychedellic Review* (Editors, 1963) fizeram uma revisão de alguns trabalhos sobre o uso de psicoativos para o tratamento de alcoolismo (Chwelos et al., 1959; Jensen, 1962; Ross MacLean et al., 1961; Smith, 1958). Eles chegam a conclusão de que “os resultados indicam que drogas psiquedélicas parecem ser agentes efetivos para a mudança de comportamento no tratamento de alcoólatras crônicos que têm sido recalcitrantes em relação a qualquer outra forma de tratamento” (p. 207). Um total de 72% (114 em 159) pacientes que receberam LSD como forma de tratamento apresentaram uma diferença significativa no consumo de álcool (sendo que destes 50,3% – 80 pacientes em 159– após um ano de

acompanhamento haviam parado completamente de beber), em contraste com os 22,5% (18 em 80) dos que estavam no grupo de controle (dos quais 13,75% – 11 paciente em 80 haviam parado completamente de beber após um ano de acompanhamento).

- 8 Uma breve revisão da literatura indicou que diferentes psicoativos vêm sendo utilizados como ferramenta para a superação de dependência química e alcoolismo: a ayahuasca (Cemin, et al., 2000; Labigalini Jr., 1998; McKenna, 2004; Moir, 1998; Santos et al., 2006); Cannabis sativa (ver Labigalini Jr. & Rodrigues, 1997); o peiote, *Lophophora williamsii*, um cactus rico em mescalina (ver Halpern et al., 1995); iboga, *Tabernanthe iboga*, arbusto africano cuja raiz contém ibogaina (Alper et al., 2007), LSD (Yensen & Dryer, 1999). Ver também Dobkin de Rios et. al (2002), Fernandez (2003), Halpern (1996), Winkelman, (2001) para uma revisão sobre o uso da iboga, do peiote, da ayahuasca e do LSD. Vale mencionar que Winkelman & Roberts (2007) lançaram recentemente um livro com dois volumes intitulado *Psychelic Medicine*, que cobre de forma ampla o uso de psicoativos como elementos centrais para o tratamento de diversos problemas, incluindo dependência química e alcoolismo.
- 9 Tais estudos ainda são incipientes no Brasil, e os trabalhos anteriores (Cemin, 2000, Labigalini Jr., 1998, Labigalini Jr. & Rodrigues, 1997, Santos et. al., 2006) foram realizados dentro das instituições religiosas e trouxeram narrativas de pessoas que já estavam recuperadas de seus problemas com álcool e outras substâncias psicoativas.

## A Ablusa

- 10 Como disse acima, acompanhei por 10 meses o grupo ayahuasqueiro urbano denominado ABLUSA (Associação Beneficente Luz de Salomão), liderado pelo Dr. Wilson Gonzaga, médico psiquiatra, antigo Mestre da União do Vegetal (ver também Labate, 2004; sobre a União do Vegetal, ver Brissac, 1999).
- 11 Wilson foi membro do Grupo Multidisciplinar de Trabalho instituído pelo Conad (Conselho Nacional Anti-Drogas) para definir as regras para o consumo da ayahuasca no Brasil, tanto religiosamente quanto terapeuticamente. Segundo Labate (2004), o Ablusa tem por objetivo “auxiliar moradores de rua na recuperação de suas dependências químicas e na reintegração à vida social” (p. 410). Wilson iniciou seu trabalho nas ruas no final da década de 80, através da distribuição de sopa no centro de São Paulo, para estes mesmos moradores de rua. Em 1999 ele dá início aos trabalhos com ayahuasca. Para Wilson, a ayahuasca ajudaria como sendo um “tratamento de choque” (Labate, 2004, p. 413), responsável por uma intensa transformação interna no morador de rua, levando então à trocas de hábitos e finalmente ao abandono da rua. Na época da pesquisa, a Ablusa alugava uma casa no bairro da Barrafunda, em São Paulo, onde há um brechó, o serviço das sopas, consultório médico e dentário e um local onde o morador de rua pode fazer a barba e banhar-se. Labate (2004) cita que, até 2003, quatro pessoas haviam abandonado a rua completamente, se re-inserindo no mercado de trabalho. Eu pude acompanhar a re-inserção completa de mais três pessoas, além do trabalho intenso com mais sete pessoas.
- 12 Segundo Wilson, o objetivo deste trabalho era o resgate da dignidade e da condição humana das pessoas em “condições de rua” – os “assistidos”. Em sua página na internet, a Ablusa coloca que seu trabalho visa à integração destes assistidos com os demais segmentos sociais, através da melhoria da condição de vida destas pessoas, além de criar possibilidades de expressão artística e profissional, o “desenvolvimento da cidadania com

projetos de longo prazo de cunho terapêutico, educacional e social. Humanização da cidade, transformando o espaço público numa oportunidade de convívio, expressão coletiva e solidariedade.” (Instituto Hermes, 2006).

- 13 Esse “resgate da dignidade” se dava através de quatro tipos de encontros: a sessão com Vegetal, as orações, as reuniões de segunda-feira, e o projeto Fazendo Renda. As orações eram realizadas toda quarta-feira à noite, e duravam em torno de uma hora. Eram feitas rezas de origens variadas, desde o catolicismo até a gnose e a cabala. Há uma forte influência do espiritismo kardecista nestas orações, e o objetivo principal, segundo meus informantes, é “fortalecer espiritualmente todos os que estão envolvidos no trabalho da Ablusa, presentes ou não às orações”.
- 14 O Projeto Fazendo Renda era um grupo de artesanato onde as pessoas se reuniam toda quarta-feira de manhã para fazer diversos tipos de trabalhos manuais, que posteriormente eram vendidos. A renda desta venda era dividida pelos que estavam envolvidos na produção.
- 15 As sessões com Vegetal eram realizadas todo primeiro sábado do mês, impreterivelmente. Neste dia também eram realizadas as “abordagens”, ou seja, uma reunião na Praça Marechal Deodoro, na região central de São Paulo, das 10:00h às 12:00h. Nas abordagens as pessoas da Ablusa conversavam com os vários moradores da praça, e os convidavam para o almoço de segunda-feira, na sede da Ablusa. A praça também é o local onde as pessoas que iam à sessão se reuniam. Às 12:00h o grupo se dirigia ao metrô, e de lá, baldeando para o trem, ia até a estação Mogi da Cruzes, onde uma van os aguardava para ir até o sítio onde ocorreria a sessão.
- 16 As sessões com os assistidos tinham uma dinâmica um tanto diferente das ditas “sessões de escala” (ver Brissac, 1999). As sessões de escala, realizadas apenas com os “sócios” da Ablusa, duravam cinco horas, e havia um tempo relativamente longo para que perguntas fossem feitas ao dirigente da sessão. As sessões com os assistidos duravam quatro horas apenas, sendo o tempo para perguntas restrito ao final da sessão, quando se abria um espaço para saber se os assistidos tinham algo a dizer sobre a sessão. A tônica do ritual eram as “chamadas”, canções entoadas pelo “mestre” (modo como era denominada a pessoa que estava comandando a cerimônia), mas não apenas por ela, onde a “força” é contatada. Tais “chamadas” visavam principalmente trazer “luz” para a sessão, assim como promover uma “limpeza espiritual” dos presentes, e pedir a “guarnição” de espíritos protetores.
- 17 As sessões eram momentos de intensa catarse para os assistidos. Muitos deles experimentam repetidas crises de vômito, e algumas vezes de diarreia. Este processo era visto como um momento de limpeza, quando o assistido se livrava das drogas e do álcool que vinham consumindo. Esta explicação era dada muitas vezes pelos próprios assistidos. Contudo, não somente os assistidos passavam por estes processos de limpeza, mas também o pessoal da Ablusa, assim como o próprio Wilson. Mas, nestes casos, o vômito era visto como uma limpeza para os assistidos, como se o Wilson ou alguém da Ablusa vomitasse por um assistido que não tivesse condição para tal.
- 18 O momento de conversa com os assistidos acontecia em reuniões realizadas todas as segundas-feiras. Neste dia era servido um almoço, e várias pessoas apareciam na sede da Ablusa para a refeição. Algumas dessas pessoas eram convidadas à participar das reuniões, iniciadas às 13:30h, durando duas horas. Além dos convidados – em geral

peças que ainda não tinham bebido o Vegetal – participavam aqueles que já comungaram do chá.

- 19 Tais reuniões tinham o formato de uma sessão de dinâmica de grupo, e eram abordados diversos temas. Este era o momento em que os assistidos contavam suas experiências durante a sessão com Vegetal, e trocavam idéias e impressões sobre as mesmas. Tais reuniões eram dirigidas por Nísia, esposa de Wilson, e contava com a presença de uma assistente social. Tanto Nísia quanto a assistente social ouviam os assistidos e faziam comentários sobre o que escutavam.
- 20 O tempo todo, nas sessões ou nas reuniões, era enfatizado que a Ablusa não oferecia nem dinheiro, nem comida, nem roupas (ainda que efetivamente fornecesse cestas-básicas e roupas), mas sim amizade. Amizade se traduzia por ajuda para tirar documentos, apoio emocional, busca de locais de internação quando o assistido demonstra que precisa ser internado para se livrar da dependência ou do alcoolismo, entre outras coisas.

## Os Assistidos

- 21 Pude acompanhar de perto alguns desses processos de recuperação. Em um deles, William (39 anos) estava na rua há 9 anos. Começou usando cocaína, passando em seguida para o crack, que o levou às ruas. Antes, havia trabalhado como ajudante geral em obras.
- 22 Durante sua primeira sessão com Vegetal disse-me ter sentido coisas muito semelhantes às que sentia quando fumava crack.

Eu tive uma reação assim como se eu tivesse numa nóia, como se eu tivesse dado uma cachimbada de crack, eu fiquei numa nóia tão grande que eu nem conseguia parar na sala, andando de um lado pro outro, tiraram eu pra fora até. Ficava espantado, olhando pra todo mundo. Parecia que eles queriam me pegar. Aquelas coisas que eu fazia assim na rua, de maldade, de briga, eu pensava que os caras estavam entrando na sala pra bater em mim. Tudo isso aconteceu. As coisas do passado vinham tudo ali, falando que ia me matar, eu tive uma reação tão grande que eu não conseguia ficar ali dentro da sala. Eu vi o desprezo que a minha família tinha de mim, ali eu senti o desprezo da minha família. Essas coisas vieram todas pra cima de mim. Tudo que aconteceu quando eu caí na rua, veio tudo naquele momento ali pra mim. A reação das drogas na rua, nego querendo me matar, quando minha família me desprezou, tudo, tudo. Foi como se Deus colocasse tudo para eu ver de porque que eu tava na rua. Essa coisa ruim toda, foi passando o efeito e eu fui ficando normal, quando a reunião acabou eu tava normal já. E aí foi quando eu falei que queria ser internado. Foi uma permissão de Deus que eu visse tudo aquilo lá que não tava dando legal pra mim, e depois Deus aliviou minha mente, mas no momento da reação eu só via maldade ali comigo. Foi a mesma coisa que quando eu tava usando droga, no crack ali, que a gente vê muitas coisas, depois que passa o efeito a gente... Na minha nóia do crack eu ficava muito espantado, tinha medo de qualquer coisa, andava só olhando pra trás. Quando acabava o efeito eu tinha um arrependimento, falava que ia parar, mas depois começava tudo de novo. Eu nunca tinha pedido pra sair. E nessa reunião eu tive a força. Mas no efeito do chá eu só vi maldade, coisa ruim. Mas ali, eu tava com pessoas que não usavam drogas, eu usava drogas com gente que tava usando drogas, a gente sabia que o efeito era assim, um espantado com o outro. O pessoal que tomou o chá comigo nunca usou. O pessoal que usa crack era igual a mim, um pedia, outro roubava, tava tudo ali que tava usando droga, mas no efeito do chá eu sabia que o pessoal que usou comigo era um pessoal do bem.

- 23 Ao término da sessão com Vegetal, teve forças para pedir para ser internado, o que nunca havia ocorrido após a ingestão de crack. O crack, disse-me ele, o retirava do mundo. O Vegetal havia despertado nele a consciência de que precisava de ajuda. Assim, William foi internado. Durante o tempo que esteve internado William foi trazido para uma segunda sessão com Vegetal. Ele me contou que

A reação foi mais aliviada, porque na primeira vez eu não parava dentro do salão, eu via coisa. Acho que aquela coisa ruim eu tava limpando, hoje eu já tava mais ciente, foi uma experiência melhor ainda. Eu começava a ver aquelas imagens da primeira vez, mas me firmava. Eu pensava que os outros estavam olhando pra mim, estavam trazendo a culpa do passado pra cima de mim. Mas deu um pensamento na minha cabeça, que aquilo era um processo que eu tava passando. Parecia que as pessoas estavam querendo me culpar de alguma coisa, igual um réu, então eu baixava a cabeça, e todo mundo olhando pra mim assim, mas coloquei na minha cabeça que aquilo não tinha nada a haver. Agora a primeira vez eu não tive esse conhecimento, eu não ficava ali dentro na primeira vez. A primeira vez foi difícil, eu não ficava na cadeira, e hoje tentou voltar àquela mesma coisa do passado, mas eu me firmei mesmo, me entreguei, Deus é maior.

- 24 Depois de algum tempo em internação, William fugiu da instituição onde estava. Alegou estar muito sozinho lá. Novamente nas ruas, voltou a usar crack. Se recusou a beber Vegetal, mas foi em busca de auxílio na sede da Ablusa. Conseguiram mandar William para sua cidade natal, onde fora internado em um abrigo da Prefeitura Municipal.
- 25 Outro caso foi o de Ellen. Ellen tinha 22 anos, paulista. Sua mãe morrera quando ela tinha 11 anos, mas o pai ainda estava vivo, contudo, mandou ela e a irmã pra fora de casa. Já havia sido presa por tráfico. Não sabe escrever. Tem uma filha que na época da pesquisa tinha quase dois anos, nascida na rua. Ellen se envolveu em vários relacionamentos durante meu trabalho de campo. Esteve a ponto de ser internada, mas acabou não comparecendo no dia de ir para o abrigo. Ellen tem um personalidade forte, e vem demonstrando estar cada dia mais estabilizada emocionalmente, apesar de não ter ainda deixado a rua. Na última vez que a vi estava para se mudar para uma favela, junto com mais duas mulheres que havia conhecido na Praça Marechal Deodoro. Ellen me contou que sua primeira experiência com o Vegetal havia sido

um horror! Eu xinguei todo mundo lá dentro. Eu queria minha filha de qualquer jeito [a filha não estava com ela durante a sessão], não pode sair. Chorava, começava a olhar pra um, pra outro, com cara feia. Dizia que não ia mais voltar ali. Foi horrível. Eu só sentia falta da Tereza. Nunca tinha deixado ela sozinha. A hora não passava. As duas primeiras vezes foi difícil. Depois que passava o efeito eu via de outro jeito. Assim foi. Hoje eu gosto muito. A terceira vez foi muito bom. Eu consegui pensar em outras coisas. Na primeira vez que eu fui eu via demônios, no rosto da Lucia, o rosto dela se transformava. Eu via o demônio nela. O rosto deles se transformava. Hoje eu não vejo nada. Tudo vem mudando. Era 24 horas fumando pedra [de crack] no cachimbo, não ligava pra minha filha. Ficava jogada no chão, morta. A polícia tava na praça, e eu tava morta. Muita cachaça. Pedra e pinga. Depois que eu comecei no chá [o Vegetal] eu fui parando, eu fui vendo que aquilo não era tudo. Por que pra mim a minha solução era droga, eu me enfiava na droga pra esquecer dos problemas, esquecer da vida que eu tava levando. Depois que eu comecei a beber o chá, não, eu via que eu tenho minha filha. Isso veio por dentro de mim, eu vi minha filha sendo roubada, começou a bater na minha cabeça, eu ouvia voz na minha cabeça dizendo que se eu não parasse eu ia perder ela. Mas isso eu já sabia, que se eu não desse um tempo eu ia perder ela de qualquer jeito. Aí eu fui parando. Hoje eu uso [crack e cachaça], mas é menos. A primeira paulada da pedra [o crack] é boa. Depois você não fala com ninguém, você até mata. A pedra é totalmente diferente do chá, o chá eu fico de boa, vejo coisa legal, a pedra não. Só

vejo maldade. Não falo com ninguém, relaxo da minha filha. Essas coisas que eu vou pensando. Desde a última sessão eu não usei nada.

- 26 Adolfo era um dos assistidos mais antigos da Ablusa. Nascido em Lorena, em maio de 1962. Soube da ayahuasca através de revistas e matérias em livro, que lia quando estava nas ruas. Havia lido uma reportagem na revista Planeta sobre o Alex Polari, dirigente do Santo Daime. Conheci Adolfo em minha primeira visita à Ablusa, em agosto de 2006. Cabeludo, muito falante, aliás, extremamente falante. Nesta época Adolfo ainda bebia, e estava desempregado. Em outubro de 2007 Adolfo era outra pessoa. Cabelos curtos, camisa social, mais introvertido. Acabara de arrumar um emprego, e morava em um albergue. Não bebia mais. Ele me contou sobre sua primeira experiência:

Foi uma experiência assim com luzes, com imagens, muita coisa subconsciente, sentimento de perda, pânico, sentimento de ausência temporal, mas num primeiro momento não tive aquele mal-estar que acontece. Depois de algum tempo eu tive algumas vezes aquela limpeza orgânica e espiritual. Depois eu me senti bem melhor. Tive uma oportunidade de fazer um mergulho interior, de fazer uma superação. Acredito muito que se possa, com mais um tempo, a pessoa adquirir melhor capacidade de entender a si mesmo e ao semelhante, e ter uma certa relação com o mundo espiritual. Tive alguns momentos que me senti mal, que tinha a haver com alimento ou mesmo com algo espiritual que a gente adquire, algumas coisas que nos deprime, mas são efeitos passageiros. Acho que é o próprio subconsciente da pessoa que atua nesses sentimentos, angústia, insegurança, de deslocamento, mas com o tempo isso vai desaparecendo. Eu pude sentir mais alguns momentos de luzes, de contato com o astral superior.

- 27 Por último vou citar o casal César e Alda. César nasceu em Limeira, e tinha 32 anos. Era o mais novo de cinco irmãos. Possuía formação como técnico de enfermagem. Havia começado a se drogar na ambulância que trabalhava, junto com os médicos. Dos psicotrópicos chegou no crack. Perdeu a casa que morava, e foi parar na praça, onde conheceu Alda e tiveram um filho. Hoje César está empregado e mora em um apartamento na periferia de São Paulo. Perguntei a César se algo havia mudado desde que ele havia começado a beber o Vegetal. A sua resposta foi: “mudou! Mudou da praça para debaixo do viaduto. De debaixo do viaduto para a favela. Da favela para o apartamento!”. Vale dizer que Alda estava grávida do segundo filho deles.
- 28 César me contou que sua primeira sessão com ayahuasca havia sido terrível: “eu estava desesperado, eu pensei que ia morrer. Eu queria sair [do local da sessão], ir embora. Foi como receber um choque. Eu confrontei a mim mesmo: ‘cara, alguns anos atrás eu tava trabalhando, com minha família em volta de uma mesa nos almoços de domingo’. Eu pensei: ‘eu plantei estas sementes, agora estou colhendo...’ Agora é o tempo de cultivar outra coisa”.
- 29 Sobre suas “mirações”, ele me contou que a que mais o impressionou foi quando encontrou alguém que nunca havia visto antes, ainda que ele houvesse identificado esta pessoa como um amigo. Este “amigo” apontou para ele seus muitos erros, o que o fez se sentir muito desconfortável, e, ao mesmo tempo, trouxe-lhe à memória muitas coisas que seu falecido pai havia dito pra ele. Ao final, ele reconheceu que seu estilo de vida não era apropriado, e que já era tempo de recomeçar.
- 30 Alda teve um desentendimento com César, seu marido, e ao invés de voltar para casa, decidiu passar a noite na praça Marechal Deodoro, onde fumou crack. O dia seguinte era quarta feira, e Alda foi à oração, à noite. Na oração Wilson lhe serviu um copo de Vegetal. Alda disse que mirou com muitas coisas ruins, demônios, e entendeu que aquilo estava

vindo do crack que ela havia usado no dia anterior. Me contou que nunca mais iria usar crack novamente.

31 É curioso notar que estes processos são muito similares aos que membros da Ablusa haviam vivido. Tive a chance de entrevistar vários dos seus sócios que haviam chegado no limite de ir morar na rua, pois enfrentavam problemas sérios em relação ao consumo de álcool e/ou drogas, e encontraram nos rituais com Vegetal a força necessária para superar estes problemas.

32 Um deles foi Jonas, que tinha problemas sérios com bebida, e esteve a ponto de se separar da esposa. Mineiro, com 53 anos, trabalhava como vendedor. Dizia ser, quando bebia, muito grosseiro com seus filhos. O Vegetal havia transformado sua vida, estando hoje com seus relacionamento familiar estabilizado, e sóbrio há sete anos. Havia começado a beber com 14 anos:

Por rebeldia. Eu fui criado em São Paulo dos nove aos quatorze. Com quatorze meu pai me levou pra morar com ele, porque já tava no ponto de trabalhar [ele morava anteriormente com os tios]. Eu estudava a noite, trabalhava o dia todo, acordava de madrugada, trabalhava pra caramba, então, a hora que me via livre dele, bebia pra sentir liberdade. Isso, na minha ignorância. Foi indo, virei alcoólatra. Comecei a consumir outros tipos de drogas. Pó, maconha, e assim por diante. Foi até depois dos 40. Minha vida, passei uma época bem legal, bem próspera, e fui decaindo, decaindo, por conta de aumentar as drogas, o álcool. E fui até perdendo a família. É essa que tenho hoje, mas graças a ayahuasca eu recuperei ela. Tive pra me separar, mas parei, me equilibrei, e estou aqui. Eu conhecia a ayahuasca com 44 anos, e parei, parei imediatamente.

33 Seu primeiro encontro com o chá foi interessante:

Eu fui em outro grupo. Na realidade nem me falaram da ayahuasca. Eu fui lá tomar o kambô. Era uma pessoa que tinha vindo de Manaus. Tava lá, e fui pra tomar vacina do sapo, e eu cheguei não era a vacina. Foi a sessão. Quando eu bebi o Vegetal, e passou um tempinho, eu quis bater na pessoa que nos levou, porque fui eu e minha mulher. Porque a sensação que eu tive foi que eu tava bêbado. E eu tinha prometido pra minha filha, porque bêbado quando promete que vai parar de beber ele tá falando a verdade. Só que no dia seguinte, não agüenta, vai lá e bebe. Mas na hora que tá falando que vai parar, tá dizendo a verdade. Mas não agüenta. Eu tinha prometido pra minha filha que eu não ia beber mais. Ela me deu um sorriso, tão lindo, eu vejo a cena até hoje como se fosse agora, e eu falei: 'preciso conseguir, preciso parar de beber pra fazer minha filha feliz'. Quando eu bebi o Vegetal e a efeito veio chegando, a sensação que eu tive foi que tinham me dado aquele chá misturado com álcool. Rapaz, eu passei mal. Não mirei nada. Só físico. Aquela sensação de bêbado. E bêbado bravo, porque eu lembrava da minha filha, e eu tinha ido ali e tinham me dado álcool pra eu beber. Não falaram nada, não é como aqui, que o Wilson dá uma palestra. Lá eles bebem pouquinho. Mas mesmo esse pouquinho me pegou. Depois me acalmaram, me explicaram que não tinha álcool. Eu achava que minha mulher é que precisava melhorar. Então eu voltei pra acompanhar ela, porque ela gostou. Ela não bebe, não fuma, foi uma maravilha. Eu fui oito vezes, e oito vezes eu levei peia! Na nona vez abriu. Abriu de uma maneira que eu fiquei feliz. Pude compreender porque que quando eu bebi na primeira vez eu tive aquela sensação, porque foi uma despedida, porque depois daquela primeira vez eu nunca mais bebi [álcool] mesmo. Até hoje, se eu tô meio nervoso, eu me acalmo, e não como nem salada temperada com vinagre, vinagre de vinho. E é sem esforço, porque não quero mesmo.

34 De todas as suas mirações, Jonas disse que “a mais importante foi a explicação que o Mestre me deu, porque eu tinha ficado daquele jeito, porque tive aquelas sensações [da

primeira vez que ele havia bebido, a sensação de estar bêbado], foi assim um trabalho do Mestre para que eu me curasse, e despedisse o bêbado. E despedi mesmo”. Para Jonas

As mirações, elas são boas pra qualquer pessoa, mesmo que a pessoa não tenha um uso de droga. Depois que eu me senti curado eu tive uma recordação de quem é a minha filha. Eu tive uma recordação de quem era minha mulher. Eu era muito bravo! Quando eu tive essa recordação da minha filha, eu mudei totalmente a educação dos meus filhos, porque antes era uma educação ríspida, no chicote mesmo. Então, hoje os meus filhos me tem como pai. Os dois já recordaram que eu estou pai agora, agora. Mas cada um sabe quem é. Mas depois que mudei minha maneira de educá-los, de me colocar como pai deles. Graças a essas recordações. Então, não pra falar pra você que uma miração foi específica para a recuperação. Eu posso te falar que a gente mira, e recorda, na hora que a gente tá podendo carregar o fardo. O Mestre é carinhoso, porque pra gente poder recordar, a gente precisa ter suporte, precisa suportar, no sentido de dar suporte. Se você recorda algo, é porque você tá podendo. Se você não puder recordar algo, você não recorda. O Mestre não deixa, ele é carinhoso. Você só recorda se agüentar. E depende de cada um, se recordou, ver o que que é, e fazer. Porque beber a ayahuasca, todo mundo bebe, mas pra mudar, precisa trabalhar. Precisa ver o resultado que você teve, e fazer o que precisa ser feito. Não adianta você só beber ayahuasca, ficar mirando, e não fazer nada, não resolve. O importante é você receber os ensinamentos, e fazer o que tem que ser feito, não deixar pra depois. Deixa pra depois, se perde, e não anda.

- 35 Outro sócio que chegou na Ablusa com problemas foi Sérgio. Tinha 58 anos. Esteve internado por três meses em uma clínica. Alcoólatra, perdera tudo que tinha, menos a casa onde morava. Seus problemas com álcool começaram depois da morte da esposa. Sérgio saiu da clínica de desintoxicação, e seguiu se tratando com o Wilson. Está sóbrio há seis meses. Voltou a trabalhar e a estudar, se dedicando ao estudo de plantas medicinais. Na sua primeira experiência

eu tinha idéia mais ou menos do que era, por ter usado outras drogas. Eu ia sentir uma sensação e que ia ter que controlar. Então eu fiquei meio que controlando essa sensação, eu não sabia como era, é a mesma coisa que o cara falar: ‘isso aqui é LSD’. Todo mundo conta aquele monte de história, que você vai ver um monte de luz, você vai ficar muito louco, que vai ser muito legal, que tudo vai ficar muito colorido. Então você fica com aquela expectativa. O chá também me deu uma expectativa, mas eu falei: ‘não, deixa eu dar uma certa relaxada’. Então a primeira burracheira, as duas primeiras não foram muito legais. Eu ficava meio que controlando, quando você quer conduzir, você não se solta, você não consegue um efeito legal, sua burracheira é um negócio meio travado, meio medroso. Agora não, agora graças a Deus eu estou solto totalmente, e cada uma é uma, não tem duas burracheiras iguais.

- 36 Perguntei para ele qual era a importância do ritual, da burracheira, para mantê-lo longe do álcool. Ele me disse que

eu não sei porque, eu não consegui entender isso, mas eu não tenho sentido a compulsividade [para beber]. Eu tô lá fora, eu vejo os caras bebendo uma cerveja, não dá nem mais aquela boca cheia d’água. Eu acho que aqui encontrei o caminho, porque aqui encontrei muitos amigos, as pessoas me aceitam como eu sou, me dão importância, você não se sente rejeitado. As pessoas sabem que eu tive problema com alcoolismo mas me respeitam, me tratam como um ser humano, e não como um ex-alcoólatra, não vejo ninguém falar: ‘putz, esse cara, eu preciso tomar cuidado com ele, porque ele era um alcoólatra’. Não tem essa. Isso é muito importante, o apoio, que eu sinto aqui. A amizade, eu sinto que eu tenho utilidade aqui dentro. Uma das coisas que eu quero é ser útil, sempre foi assim. E lá fora é difícil, quando as pessoas sabem que você bebe, elas passam a ter um descrédito com você, ninguém quer te dar um apoio porque acham que você não vai ser capaz de agir

sério, de fazer as coisas sério. As pessoas não entendem o alcoolismo. Eles bebem, e ficam bêbados, mas como eles não bebem compulsivamente, eles acham que são os bons porque bebem socialmente. Mas você não, você é o cara que não tem controle, não serve pra gente, você é persona non grata no grupo. Como todo mundo que bebe muito fica inconveniente, bebe e dá trabalho, fica falando mais do que deve. Aqui não, o trabalho é legal, eu tô envolvido, eu vejo espaço pra mim aqui dentro, o que eu tava procurando eu encontrei aqui. Fora os amigos, que eu faço muita questão dessa amizade.

37 Perguntei a ela qual havia sido a sua miração mais importante:

Sim, a última foi muito interessante. Eu ouvi de um índio, eu vi um índio e ele falava, ele estava assim a uns 15 metros de mim, e ele falava de lá, e ouvia do lado do meu ouvido, como se ele estivesse falando bem pertinho do meu ouvido. Ele falava a distância, eu via os lábios dele balbuciando, e ele me falou que eu estava no lugar certo, que eu tinha um trabalho importante aqui dentro, que eu devia continuar aqui, e que eu ia poder ajudar muita gente aqui dentro. E que eu passasse a me soltar, porque nesse dia eu, no começo eu passei pro lado de me sentir mal, comecei, no começo da burracheira eu comecei a me sentir mal. E foi aí que eu saí fora da casa. Lá no salão eu tava muito mal, começou uma dor, uma vontade de vomitar, uma dor no intestino assim, uma cólica ferrada no intestino. Aí eu comecei a fazer Reiki, e percebi que se eu andasse eu poderia me acalmar um pouco, descer um pouco a burracheira, dar uma caída na energia que tava muito alta, e aí eu fui lá pra fora e eu vi esse índio. Ele me falou que eu tava no caminho certo e que eu não ia beber mais, e que tudo isso era importante pra que entendesse pra poder ajudar as outras pessoas que viriam, que precisariam do meu trabalho. Então isso foi muito legal.

38 O último caso dentre os associados é o de Bruno. Empresário e trabalhando com propaganda e marketing, Bruno me contou que passou dois anos cheirando cocaína sem parar, todos os dias. Disse que passava uma semana sem dormir, até que caía desmaiado de exaustão. Conta que se alimentava basicamente de biscoitos recheados. Foi visitar a Ablusa por curiosidade, e teve um insight, durante sua primeira sessão, de que estava destruindo sua vida. Passou então a beber Vegetal regularmente, e se manteve longe da cocaína por seis meses. Teve uma recaída, e ao participar da sessão seguinte, teve uma experiência catártica, que o manteve longe da cocaína até hoje, por mais um ano.

## Imagens mentais espontâneas – as mirações

39 Existem muitas investigações envolvendo as atividades imaginativas, espontâneas ou não (ver por exemplo, Achterberg, 1985; Herdt & Stephen, 1989; Kosslyn, 1994, Noll, 1985; Siskind, 1973). Contudo, poucos estudos etnográficos foram conduzidos para investigar a importância da imaginação para processos de cura (ver Csordas, 1994, 2002; Gebhart-Sayer, 1986; Mercante, 2006b).

40 As mirações podem envolver outras modalidades perceptivas, como sons, sabores, cheiros (como, por exemplo, Jonas ter alegado sentir gosto de álcool no Vegetal que havia bebido). Contudo, o aspecto visual das mirações é sempre o mais impressionante. As mirações em geral experiências que envolvem uma boa dose de emotividade, assim como o momento em que se recebem os “ensinamentos”, fonte de conhecimento e de autotransformação. Cesar, Ellen, Alda, Jonas, e Lucas tiveram este tipo de experiência.

41 As imagens durante as mirações teriam o poder de tornar o self, através de um processo de reflexão, consciente das forças, sutis, mas muito efetivas que emanam de cada entidade (o corpo, sentimentos, emoções, a espiritualidade, o ritual, a mente), e da combinação de

duas ou mais destas entidades. Ao mesmo tempo, as mirações são em si mesmas outra experiência – sendo assim uma fonte para a transformação das acima citadas entidades. Assim, as mirações não seriam apenas imagens da cura, mas também imagens para a cura (ver também Csordas, 1994 e 2002).

- 42 Um dos maiores sinais da espontaneidade das mirações é o profundo sentimento de espanto que elas podem causar: padrões inimagináveis de formas e cores, de seres e paisagens, de sentimentos e pensamentos, surgindo em arranjos únicos e inesperados. Depois de que as revelações são recebidas através das imagens que emergem na consciência, vem o momento da interpretação, do entendimento, de ligas as imagens ao mundo do dia-a-dia.
- 43 Deve-se ter um grande cuidado com a palavra “interpretação” utilizada aqui. Interpretação não está ligada somente a uma forma de atividade abstrata e intelectual apenas, mas também à percepção do(s) significado(s) intrínseco(s) que emerge da/na miração. Shannon (2002) coloca que durante o processo de miração a linha que divide conhecimento e percepção desaparece. De acordo com Shannon, este é o mecanismo revelatório por excelência, quando a pessoa experiencia um sentimento de “verdade”: “a recepção do conhecimento é o principal ato nas visões. Assim, a imagem em si mesma, como uma parábola, é o mecanismo através do qual a verdade é revelada” (Shannon, 2002, p. 110).
- 44 Huxley (1990) já falava disso há mais de 40 anos atrás. Durante suas experiências com mescalina ele vivenciou alguns momentos quando “as cores eram tão intensas, tão intrinsecamente cheias de significado” (p. 19). Aqui “cheias de significado” não está ligada à parte racionalizada da significação, mas ao sentimento de que as cores eram significados em si mesmas. A significação era um sentimento pertencendo às cores em si mesmas, vindo junto com elas. Não existiam pensamentos sobre o significado das cores, mas Huxley os estava sentindo, ele os conhecia a todos.
- 45 As imagens na miração viriam surgir a partir de processos pertencentes à imaginação. Bachelard (2001, p. 1) entende que a imaginação não é a capacidade de formar imagens, mas sim de deformá-las, ou seja, a capacidade humana de fundir imagens. Imaginação é para Bachelard (2001) uma ação imaginativa, e as imagens seriam a “realidade psíquica primordial” (p. 47). Bachelard coloca ainda que a imaginação impõe ao sujeito as imagens, assim seria o mesmo que colocar “o sonho antes da realidade, o pesadelo antes do drama, o terror antes do monstro, a náusea antes da queda ... as imagens não estão apenas antes dos pensamentos, mas também antes das narrativas e das emoções” (p. 102).
- 46 Casey (1991) coloca que a imaginação se move para o futuro, enquanto a memória, para o passado. Assim, a imaginação induziria à modificações de comportamento, assim como permitiria que os sentimentos fossem expressos “em categorias, conceitos e palavras” (p. xvi). Este processo expressivo, seguindo as idéias de Casey, não seria apenas uma questão de verbalização, ainda que isso efetivamente aconteça com frequência. Este autor coloca que a expressão estaria muito mais ligada à uma “articulação progressiva, a qual é conseguida através de uma conjunção de ramificações e especificações de formas de sentimentos” (p. xvi).
- 47 Ao mesmo tempo, ainda de acordo com Casey (1991), a memória juntaria o que ele chama de “pensamentos voadores” com a história pessoal e interpessoal e a tradição” (p. xvii). Este é o reino da cultura: cultura está profundamente enraizada na memória, e é sempre um processo retrospectivo. Casey ainda coloca que

Este [movimento da memória] para trás não é temporal apenas. Pode também se referir à sempre disponível fonte das experiências e significados. Da mesma forma, as lembranças não precisam acontecer em um formato explicitamente cênico. Elas podem ser apenas um sentimento de ‘eu já estive aqui antes’ (p. xvi). As lembranças também se conectam com os sentimentos (a alma) e com o corpo, colocando em evidência uma rede massiva de movimentos e respostas habituais (p. xvii).

- 48 Stephen & Herdt (1989) usam o conceito de “imaginação autônoma” (autonomous imagination) em seu livro. Basicamente, este processo ocorre principalmente remodelando as experiências subjetivas, podendo “filtrar e alterar simultaneamente a participação social, introduzindo significados e imagens novas e únicas, vindo de fora da consciência dentro do repertório cultural pessoal” (p. 4). A imaginação autônoma trabalharia no limite entre os desejos internos e as necessidades sociais, mediando entre a experiência individual e a cultura, constituindo o fundamento da experiência religiosa interna.
- 49 A principal contribuição de Stephen é que a imaginação autônoma acontece como uma elaborada “narrativa imaginativa fora da consciência” (p. 53). Contudo, esta autora faz uma distinção entre a imaginação autônoma, que é “o processo de construção do sonho ou visão, o qual permanecerá sempre fora da consciência e escondido do self” (p. 54) da “imaginação ativa” (autonomous or active imagining), o produto final da imaginação autônoma, “a qual pode emergir à consciência, mas que é experienciada como tendo uma origem fora do self” (p. 54): sonhos, visões, sonhos-acordados, e eu poderia adicionar, mirações.
- 50 A imaginação ativa difere da imaginação normal pela externalização vívida de suas imagens, e porque tais imagens têm “seu próprio momentum” (Stephen, 1989, p. 55). A imaginação ativa é mais rica (no que diz respeito à qualidade de suas imagens) e mais inovativas, tendo ainda a propriedade de receber uma influência especial (ainda que não sejam determinadas por) elementos externos e culturais. Da mesma forma, ela “exerce uma influência especial em processos mentais e somáticos involuntários” (p. 55). Assim, na imaginação ativa se encontram as forças internas da imaginação autônoma e o mundo externo da cultura.
- 51 Se as mirações fossem voluntárias, elas teriam como base apenas a memória. De acordo com Farthing (1992), as imagens mentais são construídas de informações armazenadas na memória de longo prazo. A memória tem sim um papel nas mirações. Contudo, as imagens e sentimentos experienciados durante o processo de lembrar fatos do passado obedecem a algumas regras: as imagens estão impregnadas de significados, gerando um entendimento profundo de alguns fatos, mas ainda assim um entendimento fortemente enraizado no presente. As memórias não são simplesmente lembradas: elas são conectadas ao presente. E, como colocou Durand (2001), não podemos confundir imaginação e o lembrar. A memória é parte do processo imaginativo, precisamente porque é a fonte que fornece os fragmentos de algo vivenciado, para que a imaginação possa construir uma imagem totalizante da vida: “a vocação do espírito é insubordinação à existência e à morte e a função fantástica manifesta-se como o padrão dessa revolta” (Durand, 2001, p. 403).

## Conclusão

- 52 Langdon (2004) propõe que o alcoolismo não seja definido como uma doença universal, adotando desta forma uma perspectiva distinta da biomedicina e da psicologia. O alcoolismo, assim como o abuso de drogas, seria parte de um problema muito mais complexo, resultado de vários fatores, inclusive do contexto sociocultural. Este teria um papel fundamental no estímulo ao uso e abuso de álcool e drogas, assim como no de solução destes problemas.
- 53 Acredito que podemos dividir o serviço prestado pela Ablusa em duas etapas então: o “choque” e a “amizade”. O choque seria realizado durante as sessões, quando os assistidos eram levados a refletir sobre suas experiências durante o próprio ritual, e a conexão destas com sua vida, assim como sobre a situação em que se encontravam, sobre o efeito das drogas e do álcool nas suas relações com o mundo.
- 54 A “amizade”, por outro lado, era o momento em que novos relacionamentos eram criados, durante as próprias sessões (quando tanto “assistidos” quanto alguns “sócios” da Ablusa participavam), nas reuniões nas segundas-feiras, ou seja, na rede que se formava entre assistidos e sócios. Tais relacionamentos não diziam mais respeito apenas às pessoas que também se encontravam em situação de rua, mas sim àquelas que pertencem a outras camadas sociais, a outro universo sócio-cultural (os sócios), levando invariavelmente à aprendizagem de uma nova linguagem, onde novos sentidos e motivações eram construídos e vivenciados.
- 55 “Amizade” e “choque” eram etapas que se complementavam e reforçavam. As novas amizades proporcionavam uma nova visão de mundo e uma intensa transformação envolvendo corpo, mente, emoções e espírito. Tais transformações levavam a conflitos com o estilo anterior de vida, o que causava, durante as sessões com Vegetal, o choque. O choque, por sua vez, fazia com que os assistidos procurassem cada vez mais a transformação pessoal.
- 56 Assim, não é o uso de uma substância que promoveria a mudança da visão de mundo de alguém, mas sim o contato humano. A dicotomia “mente X corpo” torna-se obsoleta para trabalhar a questão da ação de substâncias psicoativas, uma vez que as alterações fisiológicas operam dentro de uma dialética com tudo mais que acontece fora da dimensão material (ver um aprofundamento desta discussão em Mercante, 2006b e Labate et al., 2008).
- 57 O processo de psicointegração causado pelo uso ritual de substâncias psicoativas permitiria que processos cognitivos sem representações lingüísticas, baseados, contudo, em representações sociais primárias, se tornassem acessíveis à consciência (Winkelman, 2000). Isto ocorreria porque informações que normalmente são automatizadas pelas partes evolutivamente mais antigas do cérebro, denominadas paleomamília (relacionado às emoções e memória) e reptiliana (que mantém o estado de alerta), seriam enviadas para o córtex (Winkelman, 2000).
- 58 As mirações parecem ter um papel importante para as pessoas que receberam ajuda para seus problemas através da Ablusa, devido ao seu potencial transformativo. As mirações são momentos de revelação, tornando mais evidentes as dimensões internas (mente, emoções, espiritualidade) e externas (relações sociais) da pessoa. Isto é muito similar ao que encontrei em outras situações (Mercante, 2002, 2004, 2006a, 2006b, 2006c, no prelo).

As transformações físicas, sociais e espirituais apareceram na forma de imagens mentais espontâneas na consciência das pessoas em tratamento, relacionadas com o passado (através da memória e das condições físicas e sociais anteriores à dependência e/ou alcoolismo), com o presente (condições físicas e sociais durante a dependência e/ou alcoolismo), e futuro (o objetivo a ser alcançado através do ritual, ou seja, um estado físico, mental, emocional e de relacionamentos diferente do atual).

- 59 Assim as mirações podem “forçar” os dependentes e alcoólatras a experienciar, conscientemente, seus problemas, assumindo também o papel de unificar os já citados diferentes níveis de existência na consciência, realizando a interconexão entre percepções, pensamentos e sentimentos.

Seguir para a Entrevista com o Padre Christian Alexandria Agreda >>

---

## BIBLIOGRAFIA

- Achterberg, J. (1985). *Imagery and healing: Shamanism and modern medicine*. Boston: Shambhala.
- Alper, K.R., Lotsof, H. S., & Kaplan, C. D (2007), The ibogaine medical subculture. *Journal of Ethnopharmacology*, doi:10.1016/j.jep.2007.08.034
- Alverga, A. P. (1984). *O livro das mirações. Viagem ao Santo Daime*. Rio de Janeiro, Brazil: Editora Rocco.
- Bachelard, G., (2001). *O ar e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo, Brazil: Martins Fontes.
- Brissac, S. (1999). *A estrela do norte iluminando até o sul. Uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Casey, E. S. (1991). *Spirit and soul: Essays in philosophical psychology*. Dallas: Spring Publications.
- Cemin, A. B., Medeiro, E. C. & Araújo, E. D. (2000). *A ayahuasca como terapêutica para o uso de drogas (o imaginário do uso e da cura)*. *Labirinto: Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário*, copiado de [www.cei.unir.br/artigo22.html](http://www.cei.unir.br/artigo22.html) em 22 de novembro de 2006.
- Chwelos, N., Blewett, D. B., Smith, C. M., & Hoffer, A. (1959). Use of d-lysergic acid diethylamide in the treatment of alcoholism. *Quarterly Journal of Studies of Alcohol*, 20: 577-590.
- Csordas, T. J. (1994). *The sacred self. A cultural phenomenology of charismatic healing*. Berkeley: University of California Press.
- Csordas, T. (2002). *Body, meaning, healing*. New York: Palgrave-Macmillan.
- Dobkin de Rios, M., Grob, C. S., & Baker, J. R. (2002). Hallucinogens and redemption. *Journal of Psychoactive Drugs*, 34, 239-248.
- Durand, G. (2001). *As Estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
-

- Editors, The (1963). The treatment of alcoholism with psychedelic drugs. *The Psychedelic Review*, 1(2): 205-207.
- Farthing, G. W. (1992). *The psychology of consciousness*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Fernandez, X. (2003). Estados modificados de consciencia con enteógenos en el tratamiento de las drogodependencias. *Revista de Etnopsicología*, 2: 33-45
- Gebhart-Sayer, A. (1986). Una terapia estética. Los diseños visionarios de ayahuasca entre los Shipibo-Conibo. *América Indígena*, 46(1), 189-218.
- GMT (Grupo Multidisciplinar de Trabalho Ayahuasca), (2006). Relatório Final. Brasília: Conad. Copiado de <http://obid.senad.gov.br/OBID/Diversos/salvarlocal.jsp?id=18276> em 13 de novembro de 2007.
- Halpern, J. H. (1996). The use of hallucinogens in the treatment of addiction. *Addiction Research*, 4(2): 177-189.
- Halpern, J. H.; Sherwood, A. R; Hudson, J. I.; Yurgelun-Todd, D. & Pope Jr., H. G. (2005). Psychological and cognitive effects of long-term peyote use among Native Americans. *Biological Psychiatry*, 58: 624-631.
- Herdt G. & M. Stephen (1986). *The religious imagination in New Guinea*. London: Rutgers University Press.
- Huxley, A. (1990). *The doors of perception and Heaven and hell*. New York: Harper & Row.
- Instituto Hermes (2006). Atividade Social. [www.institutohermes.com.br/](http://www.institutohermes.com.br/).
- Jensen, S. E. (1962). A treatment program for alcoholics in a mental hospital. *Quarterly Journal of Studies of Alcohol*, 23: 315-320.
- Kosslyn, S. M. (1994). *Image and brain. The resolution of the imagery debate*. Cambridge: MIT Press.
- Labate, B. C. (2004). *A reinvencão do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas, Brazil: Mercado das Letras.
- Labate, B., & Araújo, W. S. (2002). *O uso ritual da Ayahuasca*. Campinas, Bazil: Mercado das Letras.
- Labate, B. C.; Goulart, S.; Fiore, M.; MacRae, E. & Carneiro, H. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA. 2008.
- Labigalini Jr., E. (1998). *O uso de ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool - um estudo qualitativo*. Dissertação de mestrado, São Paulo: Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo.
- Labigalini Jr., E. & Rodrigues, L. R. (1997). O uso "terapêutico" de Cannabis pro dependentes químicos de crack no Brasil. *Psychiatry On Line Brazil*, 2. Baixado em 23 de setembro de 2006 de [www.priory.com/psych/eliseu.htm](http://www.priory.com/psych/eliseu.htm)
- Langdon, E. J. M. (2004). L'abus d'alcool chez les peuples indigènes du Brésil: une évaluation comparative. *Drogues, santé, et société*, 4(1): 15-52.
- Laughlin, C. D., McManus, J., & d'Aquili, E. G. (1990). *Brain, symbol & experience. Toward a neurophenomenology of human consciousness*. Boston: Shambhala.
- Instituto Hermes (2006). Atividade Social. [www.institutohermes.com.br/](http://www.institutohermes.com.br/).
- Mabit, J., Giove, R., & Vega, J. (1996). Takiwasi: The use of Amazonian shamanism to rehabilitate drug addicts. In W. Winkelman & W. Andritzky, (Eds.), *Yearbook of cross-cultural medicine and*

psychotherapy 1995. Theme Issue: Sacred plants, consciousness, and healing. Cross-cultural and interdisciplinary perspectives (pp. 257-285). Berlin, Germany: Verlag für Wissenschaft und Bildung.

Mabit, J. (2002). Using indigenous medicinal knowledge to treat drug addiction. *MAPS, Bulletin of the Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies*, 12(2): 25-32.

Mabit, J. (2006). Ayahuasca helps cure drug addiction. Retirado de [www.takiwasi.com/docs/eng/Ayahuasca\\_helps\\_cure\\_drug\\_addiction.doc](http://www.takiwasi.com/docs/eng/Ayahuasca_helps_cure_drug_addiction.doc)

Mabit, J. (2007). Ayahuasca in the treatment of addictions. In M. J. Winkelman & T. B. Roberts, *Psychedelic medicine. New evidence for hallucinogenic substances as treatments, Volume 2*. (pp. 87-106). Westport: Praeger Perspectives.

McKenna, D. (2004). Clinical investigations of the therapeutic potential of ayahuasca: rationale and regulatory challenges. *Pharmacology & Therapeutics*, 102: 111-129.

Mercante, M. S. (2002). Ecletismo, caridade e cura na Barquinha da Madrinha Chica. *Humanitas*, 18(2), 47-60.

Mercante, M. S. (2004). Miração and healing: A study concerning spontaneous mental imagery and healing process. Toward a Science of Consciousness Conference 2004, Tucson.

Mercante, M. S. (2006a). The objectivity of spontaneous mental imagery: The spiritual space of a Brazilian-Amazonian religion experienced by sacramental users of ayahuasca. Toward a Science of Consciousness Conference 2006 Tucson.

Mercante, M. S. (2006b). Images of healing: Spontaneous mental imagery and healing process of the Barquinha, a Brazilian ayahuasca religious system. Tese de doutorado, San Francisco, Estados Unidos: Saybrook Graduate School and Research Center.

Mercante, M. S. (2006c). The Objectivity of Spiritual Experiences: Spontaneous Mental Imagery and the Spiritual Space. *Revista Eletrônica Informação e Cognição*, 5: 78-98.  
[www.portalppgci.marilia.unesp.br/reic/include/getdoc.php?id=144&article=37&mode=pdf](http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/reic/include/getdoc.php?id=144&article=37&mode=pdf)

Mercante, M. S. (2009). Ayahuasca, moradores de rua e dependência química. Congreso Internacional "Medicinas Tradicionales, Interculturalidad y Salud Mental", Tarapoto, Peru.

Mercante, M. S. (no prelo). Consciência, miração e cura na Barquinha. In *Ayahuasca y salud: xamanismo, medicina y religión*, (B. C. Labate & J. C. Bouso, orgs). Barcelona: La Lebre de Marzo.

Moir, J. (1998). Shamanism, traditional medicine and drug dependency in the Peruvian upper Amazon. Lila, copiado de [www.lila.info/document\\_view.phtml?document\\_id=15](http://www.lila.info/document_view.phtml?document_id=15) em 15 de setembro de 2005.

Naranjo, P. (1986). El ayahuasca en la arqueología ecuatoriana [The ayahuasca in the Ecuadorian archeology]. *América Indígena*, 46(1), 115-127.

Noll, R. (1985). Mental imagery cultivation as a cultural phenomenon: The role of visions in shamanism. *Current Anthropology*, 26, 443-461.

Riba, J., & Barbanoj, M. J. (1998). A pharmacological study of ayahuasca in healthy volunteers. *MAPS Bulletin*, 8(3), 12-15.

Ross MacLean, J., MacDonald, D. C., Byrne, U., & Hubbard, A. M., (1961). The use of LSD-25 in the treatment of alcoholism and other psychiatric problems. *Quarterly Journal of Studies of Alcohol*, 22: 34-45.

Santos, R. G., Moraes, C. C., & Holanda, A. (2006). Ayahuasca e redução do uso abusivo de psicoativos: eficácia terapêutica? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 363-370.

- Shanon, B. (2002). *The antipodes of the mind: Charting the phenomenology of the ayahuasca experience*. Cambridge, MA: Oxford University Press.
- Siskind, J. (1973). *Visions and cures among the Sharanahua*. In: M. Harner (ed.) *Hallucinogens and shamanism* (pp. 28-40). New York: Oxford University Press.
- Smith, C. M. (1958). A new adjunct to the treatment of alcoholics: The hallucinogenic drugs. *Quarterly Journal of Studies of Alcohol*, 19: 406-417.
- Stephen, M. (1989). *Self, the sacred other, and autonomous imagination*. In G. Herdt & M. Stephen (Eds.), *The religious imagination in New Guinea* (pp. 41-64). London: Rutgers University Press.
- Stephen, M., & Herdt, G. (1989). Introduction. In G. Herdt & M. Stephen (Eds.), *The Religious Imagination in New Guinea* (pp. 1-14). London: Rutgers University Press.
- Taussig, M. (1987). *Shamanism, colonialism and the wild man. A study in terror and healing*. Chicago: University of Chicago Press.
- Winkelman, M. (1996). *Psychointegrator plants: Their roles in human culture, consciousness and health*. In M. Winkelman & W. Andritzky (Eds.), *Yearbook of cross-cultural medicine and psychotherapy 1995. Theme issue: Sacred plants, consciousness, and healing. Cross-cultural and interdisciplinary perspectives* (pp. 9-54). Berlin, Germany: Verlag für Wissenschaft und Bildung.
- Winkelman, M. (2000). *Shamanism: The neural ecology of consciousness and healing*. Westport, CT: Bergin & Garvey.
- Winkelman, M. (2001). *Alternative and traditional medicine approaches for substance abuse programs: a shamanic perspective*. *International Journal of Drug Policy*, 12: 337-351
- Winkelman, M. & Roberts, T. (2007). *Psychedelic medicine. New evidence for hallucinogenic substances as treatments*. Westport: Praeger Publishers.
- Yensen, R. & Dryer, D. (1999). *Addiction, despair, and the soul: successful psychedelic psychotherapy, a case study*. *Societat d'Etnopsicologia i Estudis Cognitius* copiado de [www.etnopsico.org/index.php?option=content&task=view&id=61](http://www.etnopsico.org/index.php?option=content&task=view&id=61) em 25 de outubro de 2006.

## RESUMOS

Nesta apresentação pretendo fazer um relato da situação do uso da Ayahuasca no Brasil como ferramenta auxiliar na superação da dependência química e o alcoolismo. Existem atualmente cinco instituições desenvolvendo este tipo de abordagem. Farei uma explanação mais detalhada do trabalho social realizado pela Ablusa (Associação Beneficente Luz de Salomão), organização liderada pelo psiquiatra Wilson Gonzaga, que promovia sessões de Ayahuasca (denominada “Vegetal”) para moradores de rua, em um processo de “recuperação da dignidade humana”, na cidade de São Paulo. Dentro desse processo um dos aspectos principais era o da superação da dependência química. De forma mais específica, pretendo falar sobre o papel das “mirações” (imagens mentais espontâneas experienciadas durante o uso ritual da Ayahuasca) neste processo de recuperação da dependência química e do alcoolismo.

## AUTOR

**MARCELO S. MERCANTE**

Pós-Doutorando em Antropologia Social – USP